

Educação, Saúde & Tecnologia

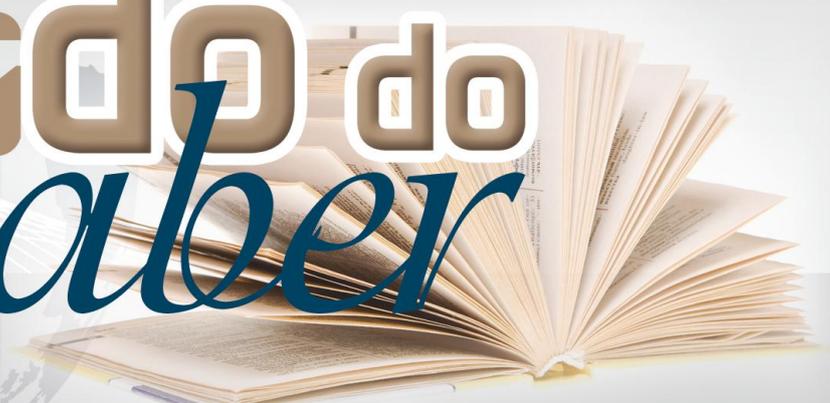


2009

Revista Eletrônica

Método do Saber

ISSN: 2177-0875-SP



SUMÁRIO

DADOS GERAIS

A REVISTA CIENTÍFICA MÉTODO DO SABER	02
--	----

ARTIGOS

1. TRATAMENTO LOCO REGIONAL DE GORDURA LOCALIZADA AVALIADO PELA DENSITOMETRIA ÓSSEA	03
2. REFLEXÕES ACERCA DO CONCEITO DA INFÂNCIA: a influência da prensa tipográfica e da mídia eletrônica	13
3. A IDENTIDADE ESCOLAR E A PROPOSTA PEDAGÓGICA	20

EU VI NA PRÁTICA

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: como é, e como se faz	22
--	----

INFORMAÇÕES GERAIS

CORPO EDITORIAL	27
-----------------------	----

REVISTA CIENTÍFICA 'MÉTODO DO SABER'

Introdução e Justificativa

O Projeto da Revista Científica, "Método do Saber", é uma iniciativa proposta e desenvolvida pelo curso de Pedagogia da Faculdade Método e coordenada pela Prof^a. Patrícia Rodrigues, Prof. Olavo Egídio Alioto e Persio Nakamoto, com o apoio dos demais docentes do curso.

Este Projeto visa, inicialmente, inserir os alunos no universo acadêmico, ou seja, da produção e disseminação de pesquisas científicas e estimular a pesquisa, a leitura e a elaboração de textos acadêmicos, contribuindo para a sua formação.

A revista visa, também, à reflexão, à crítica e ao incentivo à leitura, por meio das edições de vários tipos de textos, entrevistas, artigos, e informações atualizadas sobre a área, criando e efetivando o acesso real dos usuários/alunos ao universo acadêmico, pois, a web inverteu o processo de produção acadêmica, possibilitando primeiro divulgar a informação e depois imprimi-la (antes só era possível a partir da impressão com custos altos, A divulgação de ideias).

Partimos do suposto de que a informação científica é o insumo básico para o desenvolvimento científico e tecnológico, e os avanços das áreas de conhecimento, isto é, um processo contínuo em que a informação científica contribui para o desenvolvimento científico, e este, por sua vez, gera novos conteúdos realimentando todo o processo.

Objetivos

- Criar um veículo de debate teórico/metodológico auxiliando no processo de Formação Inicial e Continuada;
- Dinamizar publicações da produção dos professores, dos alunos e demais pesquisadores da área de Educação;
- Espaço para divulgação das experiências, ideias e propostas dos professores, alunos e demais interessados nos temas e problemas da Educação.

TRATAMENTO LOCO REGIONAL DE GORDURA LOCALIZADA AVALIADO PELA DENSITOMETRIA ÓSSEA.

Daniela Patrícia Vaz¹

¹Docente do Curso de Pós Graduação Lato Senso e da Graduação em Tecnologia em Radiologia da Faculdade Método de São Paulo -FAMESP; Fisioterapeuta Especialista em Psicopedagogia e em Fisioterapia Dermato Funcional; Mestre em Reabilitação do Equilíbrio Corporal e Inclusão Social.

Resumo

Os cuidados com a beleza estética levam muitos indivíduos a procurarem técnicas não especializadas e que não possuem raízes científicas para a diminuição da adiposidade regional. Então, para entender as técnicas utilizadas para a diminuição de massa corpórea, realizamos um estudo comparativo da hidrolipoclasia não aspirativa e da ultrasonoterapia. A casuística do estudo foi composta por 16 mulheres com adiposidade abdominal infra-umbilical. As pacientes foram separadas em 2 grupos, sendo o grupo 1 submetido a hidrolipoclasia não aspirativa, e o grupo 2 submetido ao tratamento apenas com o ultra-som. Em cada grupo, foram realizadas 10 sessões de tratamento das respectivas técnicas. Para a mensuração de massa corporal total e abdominal, foi realizado o exame de densitometria óssea, e a dosagem de corpos cetônicos através do exame de urina tipo I. Como conclusão observou-se que ambas as técnicas foram efetivas para a redução da adiposidade infra-umbilical.

Palavras-chave: hHdrolipoclasia. Ultra-som. Mesoterapia.

Introdução

O culto ao corpo e à beleza vem crescendo cada vez mais no século XXI, fazendo com que o indivíduo esqueça dos seus próprios referenciais, como sua estrutura corporal, o que dificulta a aceitação de seu corpo levando a uma grande procura por tratamentos e técnicas estéticas executadas por profissionais especializados (ZIMERMAN, 2001).

Fatores estéticos reforçados por preconceitos de que pacientes com sobrepeso são mais frágeis e estigmatizados socialmente são os maiores motivadores na busca por tratamentos clínicos e cirúrgicos. A supervalorização de um corpo esguio confere mais oportunidades às pessoas com aparência saudável em todas as situações da vida (ZANLUCHI, 2006).

O estilo de vida moderno, o interesse por restaurantes tipo *fast food*, o acesso à tecnologia e o sedentarismo levaram ao aumento da obesidade. A obesidade pode ser definida como o aumento da quantidade de gordura corporal que atualmente é considerado uma patologia crescente e de caráter epidêmico, interações entre fatores sociais, psicológicos e culturais induzem a uma susceptibilidade da obesidade humana (PEREIRA, 2003).

Segundo Vague (1956), estudos mostram que os efeitos adversos da obesidade estariam relacionados com o padrão central da distribuição da gordura. A gordura abdominal (tipo andróide) constitui um fator de risco específico à saúde, pois leva a alterações metabólicas como a diabetes mellitus tipo II, alterações cardiovasculares como hipertensão arterial sistêmica, infarto agudo do miocárdio e alterações neurológicas como acidente vascular encefálico e distúrbios psicológicos, podendo levar a um quadro de depressão. Outra adversidade devido ao estilo de vida moderno é a “Síndrome da Desarmonia Corporal” (FRANCISCHELLI, 2000), ou seja, gordura localizada associada a fatores como flacidez muscular e lipodistrofia ginóide.

Atualmente, a principal queixa entre as mulheres é a adiposidade loco regional, com maior concentração em flancos, abdome, quadril e coxas. Com o avanço dos estudos científicos, foram desenvolvidos diversos tratamentos cuja proposta visa diminuir essa adiposidade (DUARTE, 2002). Dentre esses tratamentos estão o uso de hidrolipoclasia e de ultra-som.

A hidrolipoclasia ultra-sônica é uma técnica que foi introduzida na década de 90. O procedimento consiste na aplicação de substância hipotônica na região do corpo onde há maior concentração de tecido adiposo. A presença dessa solução facilita a lipólise através do ultra-som (US) terapêutico de 3 MHz aplicado de modo contínuo, potencializando o atrito molecular dos adipócitos e aumentando a temperatura intersticial somado ao fenômeno de cavitação. Dessa forma, ocorre a lipólise celular, seguida da distribuição dos ácidos graxos para o tecido muscular e a metabolização do glicerol pelo fígado (CECCARELLI; VARLARO, 1996).

A outra técnica, muito utilizada no tratamento de gordura localizada é o Ultra-som (US) usado sem substâncias injetáveis. O ultra-som produz a ruptura de macromoléculas de gordura e estruturas celulares provavelmente através do

movimento de vibração do tecido adiposo (SANTOS, 2008). A frequência do ultra-som determina a profundidade que o feixe pode atingir. Quanto menor a frequência maior a penetração nos tecidos. Nas afecções dermatofuncional o US é utilizado nas fibroses pós-lipoaspiração, cicatrização, aderência cicatricial, em casos de edema e processos isquêmicos atuando no restabelecimento da circulação sanguínea através da angiogenese (BORGES, 2006).

Muitos profissionais têm utilizado o ultra-som para tratamento de redução de medidas, porém a redução significativa só pode ser observada quando utilizados padrões adequados de análises estatísticas.

A fim de analisar qual o melhor método para estabelecer um tratamento mais adequado para redução de tecido adiposo loco regional, este estudo teve como objetivo comparar a eficácia das técnicas de hidrolipoclasia e ultrasonoterapia aplicadas em região abdominal infra umbilical.

Pesquisa de Campo

Materiais e métodos

O estudo foi realizado no Setor de Atendimento Estético da Faculdade Método de São Paulo (FAMESP), no período de junho a julho de 2008. A pesquisa de referências literárias foi quantitativa e randomizada, nas bases de dados LILACS e SCIELO utilizando os unitermos: hidrolipoclasia, Ultra-som terapêutico e mesoterapia.

Após uma cuidadosa anamênese com quarenta (40) voluntárias, selecionamos o grupo de estudo com base nos seguintes critérios: *Critérios de inclusão*: presença de gordura loco regional em região infra-umbilical, índice de massa corpórea (IMC) superior a vinte e dois (22), comprovação da ausência de alterações metabólicas e de nenhuma participação em outro tipo de tratamento estético para este fim. *Critérios de exclusão*: múltiparas, gestantes, histórico de abdominoplastia e lipoaspiração abdominal, uso de medicação controlada, realização de atividades físicas e dietas.

No total, participaram do estudo dezesseis (16) mulheres com idade entre vinte e cinco (25) e trinta e oito (38) anos, cientes dos termos de esclarecimento e consentimento. As voluntárias foram divididas em dois (02) grupos: o Grupo 01 foi

formado por voluntárias que receberam a hidrolipoclasia e o ultra-som, e as voluntárias do Grupo 02 receberam o tratamento apenas com o ultra-som. Todas as pacientes foram submetidas a duas (02) sessões semanais, totalizando 10 sessões de aplicação da técnica de acordo com o grupo a que pertenciam.

No grupo tratado com hidrolipoclasia (grupo 01), foram realizadas aplicações de substância isotônica por um enfermeiro habilitado, fazendo o uso dos seguintes materiais: soro fisiológico 0,9%, algodão, seringas, agulhas descartáveis, álcool 70% e luvas de procedimento.

A aplicação foi realizada de maneira subcutânea, injetando 01mL de soro fisiológico 0,9% em dez (10) pontos da região infra-umbilical, mantendo uma distância de 2 cm entre eles. Após a aplicação do soro, foi realizado 8 minutos de ultra-som em cada hemilado da região infra-umbilical. Foi usado o aparelho de US, modelo SS2, Skiner, que foi ajustado para uma frequência de 3MHZ, com intensidade de $3W/cm^2$, no modo contínuo. O cabeçote do US foi revestido com preservativos para evitar contaminação após a aplicação do soro fisiológico.

No Grupo 02, as voluntárias foram submetidas apenas à técnica de ultra-som com gel condutor por 8 minutos em cada hemilado da região infra-umbilical. Assim como no Grupo 01, foi utilizado 3 MHZ e $3W/cm^2$, em modo contínuo.

Em ambos os grupos, o cálculo do tempo de aplicação foi feito aplicando-se em uma área de $40cm^2$ e dividindo-a pela ERA do cabeçote de $5cm^2$ (BORGES, 2006). A intensidade e a frequência do equipamento foi a mesma utilizada no grupo 01.

Para avaliar de forma quantitativa a massa corporal total e abdominal (magra e gorda) antes e após o tratamento, realizou-se o exame de imagem densitometria óssea (DPX, modelo IQ, Lunar/GE). Este procedimento foi feito por um tecnólogo em radiologia na clínica CEDIMEN, Centro de Diagnóstico em Medicina Nuclear.

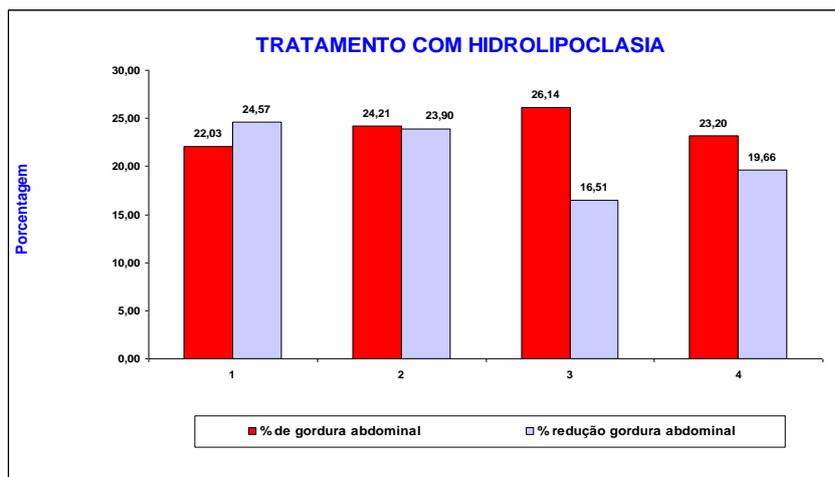
Outro método de avaliação foi o exame laboratorial Urina tipo I, realizado no laboratório da Faculdade Método de São Paulo (FAMESP). Este exame permitiu a visualização de sedimentos urinários e dosagem de corpos cetônicos eliminados na urina. A análise da urina foi realizada no início do tratamento, após a quinta sessão e no final do tratamento.

Resultados: densitometria óssea

Os resultados dos exames de densitometria óssea pré e pós tratamento das pacientes do Grupo 01 e do Grupo 02 estão apresentados nas Figura 01 e 02, respectivamente.

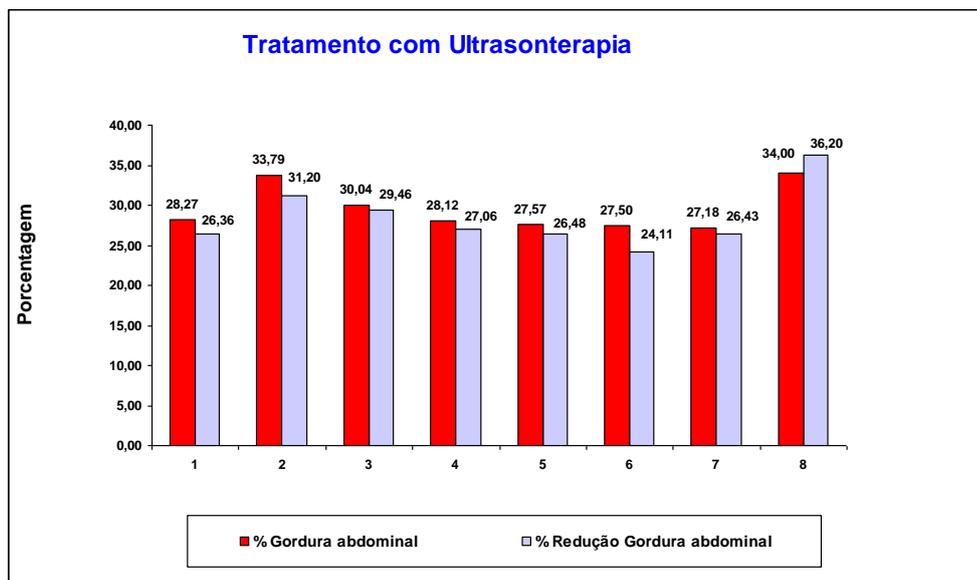
Das oito (08) pacientes submetidas ao tratamento com hidrolipoclasia, apenas quatro (04) concluíram o tratamento. O gráfico mostra a relação entre a quantidade de gordura abdominal infra-umbilical no início e no término do tratamento. Em uma paciente foi possível detectar uma diminuição de 9,62%, enquanto as demais pacientes apresentaram uma taxa de redução de gordura próxima de 2%.

Figura 01. Gráfico referente aos resultados das medições realizadas através do exame de densitometria óssea pré e pós tratamento das pacientes do Grupo 01.



No grupo submetido à técnica de ultrasonoterapia, todas as pacientes concluíram o tratamento. Das oito (08) participantes, o maior índice de diminuição de gordura foi de 3,4%. As demais voluntárias apresentaram uma diminuição de gordura infra-umbilical de aproximadamente 1%.

Figura 02. Gráfico referente aos resultados das medições realizadas através do exame de densitometria óssea pré e pós-tratamento das pacientes do Grupo 02.



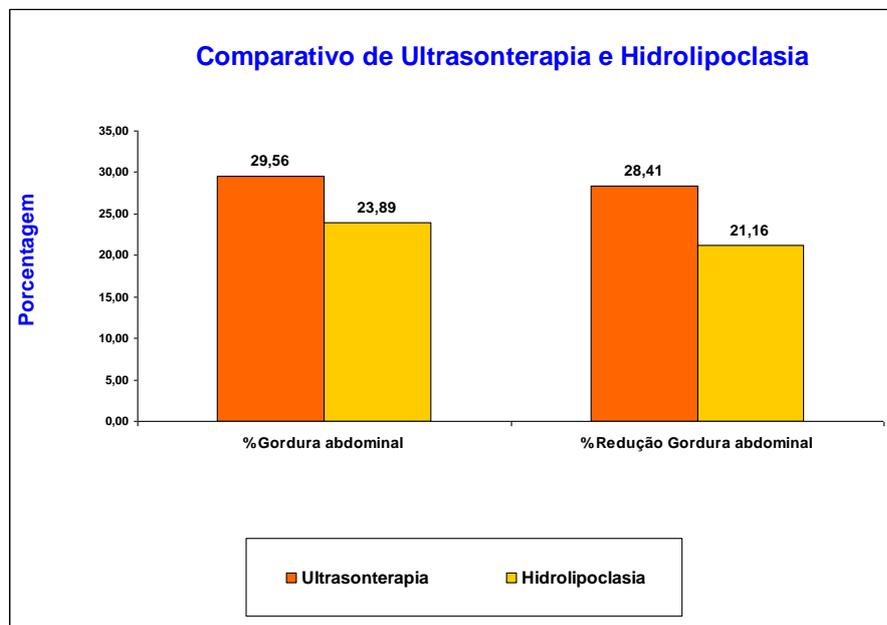
Exame de Urina tipo I

Os exames de urina tipo I realizados antes, durante e após ambos os tratamentos demonstraram que não houve alterações de sedimentos urinários e nem alteração na quantidade de corpos cetônicos.

Eficiência da hidrolipoclasia e do ultra-som

A análise comparativa entre as duas técnicas está apresentada na Figura 03. O gráfico mostra que no grupo tratado apenas com ultra-som, houve uma média de gordura abdominal inicial de 29,56% e após o tratamento, uma redução para 28,41%. Nas pacientes submetidas a hidrolipoclasia, observa-se uma diminuição de 23,89% para 21,16% de gordura abdominal. Os resultados mostram uma redução de 1,15% de gordura loco regional com a ultrasonoterapia e 2,74% com a hidrolipoclasia.

Figura 03. Gráfico referente à comparação de diminuição de gordura infra-umbilical utilizando as duas técnicas.



Análise e discussão dos resultados

Atualmente a gordura localizada é um fator de incômodo estético relevante principalmente para as mulheres, diante desse fato, a escolha do público alvo para este trabalho científico, foram pessoas do sexo feminino, portadoras de adiposidade abdominal infra-umbilical, a fim de verificarmos se a técnica não invasiva de ultrasonoterapia seria tão efetiva quanto à técnica invasiva de hidrolipoclasia.

O ultra-som terapêutico vem se destacando pelos seus efeitos biofísicos específicos. A primeira aplicação prática em tecidos biológicos ocorreu entre 1930 e 1940. O uso do ultra-som tem se intensificado nos casos de lipodistrofia ginóide e de gordura localizada, pelos efeitos fisiológicos que provoca (BASSOLI, 2001). Adamo (1997) relatou a utilização da ultrasonoterapia para fins estéticos, confirmando que o ultra-som tem efeito na ruptura de macromoléculas e estruturas celulares provavelmente através do movimento de vibração do tecido adiposo. Os resultados obtidos no Grupo 02 demonstraram uma diminuição de gordura loco regional, o que confere com estudos anteriores onde foi utilizado a ultrasonoterapia para este fim, porém existe uma grande defasagem de trabalhos científicos demonstrando a real quantificação de diminuição de gordura localizada.

Os resultados obtidos nas duas técnicas empregadas embora não fidedigno devido à perda de quatro pacientes do grupo de hidrolipoclasia sugere a diminuição de gordura corporal, mostrando que o uso do ultra-som associado ou não a técnica de hidrolipoclasia foi efetivo para a redução da adiposidade localizada.

A hidrolipoclasia introduzida por Cecarelli (1996), vem sendo utilizada com freqüência por profissionais da medicina estética, baseada no histórico e estudos experimentais realizados na Itália. Porém, cientificamente ainda não possuímos dados que demonstrem um significativo efeito lipoclásico. Duarte (2002)¹ realizou um estudo aplicando a hidrolipoclasia ultrasônica para diminuição da adiposidade abdominal infra-umbilical e apresentou resultados satisfatórios, sendo eles redução nos componentes relativos ao tecido adiposo. O trabalho mostra uma redução da massa de gordura devido ao efeito lipoclásico esperado da região em tratamento, o que sugere uma redução de medidas da adiposidade infra-umbilical. Os resultados conferem com estudos realizados por Pinto (1999), que encontrou dados satisfatórios onde a indicação clínica da hidrolipoclasia ultrasônica seria de oito (08) a dez (10) aplicações.

De acordo com os dados apresentados nas Figuras 01 (paciente nr 1) e 02 (paciente nr 8), duas participantes, sendo 1 de cada grupo, apresentaram um aumento de peso que pode ser justificado pelo período pré menstrual que ambas referiram no exame final de densitometria óssea.

Há dois tipos de sinais que caracterizam a tensão pré-menstrual: os emocionais e os físicos. É difícil definir com exatidão os sintomas emocionais apresentados neste período. Durante os dias que antecedem a menstruação, muitas mulheres apresentam ataques súbitos de nervosismo e irritabilidade desproporcionais aos fatos que os desencadeiam ou uma tristeza repentina. Outras ficam desanimadas, cansadas, deprimidas, com interesse diminuído pelas atividades habituais, sensação de dificuldade de concentração, acentuada alteração do apetite e distúrbios do sono (DYU; BLUNDELL, 1997).

Segundo Dye ^[14], a progesterona, presente em maior quantidade na fase lútea, induz a um estoque energético, diminuindo, assim, o nível de triacilgliceróis no sangue, o que provocaria aumento do consumo de alimentos ricos em lipídios, levando a um aumento do peso.

Com a técnica de ultrassonoterapia no presente estudo foram obtidos diminuição de 3,4 % na redução da gordura loco regional infr umbilical, fato que pode ser explicado pelo efeito térmico provocado pelo Ultra Som, segundo Guirro e Guirro (2002), esse efeito provoca um fenômeno tido como cavitação que provoca formação de cavidades ou bolhas no meio liquido alterando sua estrutura e seu funcionamento, realizando estimulação celular e modificando a permeabilidade da membrana podendo acelerar o metabolismo celular (GUIRRO; GUIRRO, 2002; STEFANOVIC et AL., 1959; STEFANOVIC et AL., 1960; TAYLOR; POND, 1972).

A análise estatística ficou extremamente comprometida por diversos fatores. No Grupo 01, metade das voluntárias não concluiu o tratamento, o que prejudicou a casuística do trabalho assim como análises de significância da técnica. Dessa forma, os resultados só puderam ser apresentados em porcentuais, e, não foi possível chegarmos a uma comparação fidedigna dos resultados e nem realizar uma comparação mais significativamente associada à diminuição de gordura infra-umbilical de cada técnica.

Quanto ao embasamento teórico da pesquisa, convém salientar que houve certa dificuldade no desenvolvimento do mesmo pela escassez de literatura e trabalhos científicos publicados e acessíveis. Espera-se que este trabalho sirva de incentivo para a realização de estudos mais amplos com maior número de amostras e diferentes protocolos.

Considerações

A utilização das técnicas de ultrasonoterapia e hidrolipoclasia foi eficaz na redução de gordura loco regional como demonstrado no exame de densitometria óssea, que é uma avaliação quantitativa de massa corporal total e abdominal (magra e gorda). Portanto ambos os tratamentos mostraram-se como um possível recurso acessório na área de dermato-funcional para diminuição de gordura localizada.

Referências

ADAMO, C. Ultrasonic liposculpturing: Extrapolations from the analysis of in vivo sonicated adipose tissue. **Revista Plastic and Reconstructive Surgery**, v. 100, p. 220-226, 1997.

- BASSOLI, D.A. **Avaliação dos efeitos do ultra-som pulsado de baixa intensidade na regeneração de músculos esqueléticos com vistas à aplicabilidade em clínica fisioterapêutica.** Dissertação de Mestrado. 2001. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo, 2001.
- BORGES, F.S. Ultra-som. In BORGES, F.S. **Modalidades terapêuticas nas disfunções estéticas.** São Paulo: Editora Phorte; 2006.
- CECCARELLI, M; VARLARO, V. **Hidrolipoclasia Ultrasônica, edizioni trimograf, Spezzano Albanese (CS),** 1996.
- DUARTE, C.A. Hidrolipoclasia Ultrasônica: Aplicação na adiposidade abdominal infra umbilical. **Revista Brasileira de Fisioterapia Dermato Funcional**, v. 01, p. 07-10, 2002.
- DYE, L.; BLUNDELL JE. Menstrual cycle and appetite control: implications for weight regulation. **Hum Reprod.**, v. 12, n. 06, p. 1142-1151, 1997.
- FRANCISCHELLI, M.N. **Índices antropométricos de bioimpedância na avaliação de hidrolipodistrofia ginoide.** São Paulo: TV MED, 2000.
- GUIRRO, E. C. O.; GUIRRO, R. R. J. **Fisioterapia Dermato Funcional: Fundamentos, recursos e patologias.** São Paulo: Manole; 2002.
- PEREIRA, J.A. Alterações metabólicas e tratamentos cirúrgicos da obesidade em pacientes obesos. **Revista da SBME**, v. 92, n. 15, p. 84-91, 2003.
- PINTO, R. Cellulitis: tratamientos actuales. Hidrolipoclasia Ultrasónica. **Gionale Starbene.**, v. 01, n. 03, 1999.
- SANTOS, B.M. Curso didático de estética. In: **Eletroterapia.** São Paulo: Editora Yendis; 2008.
- STEFANOVIC, V. et al. Effects of ultrasound and enzymes. **Bull. Soc. Chim. Belgrade.**, v.24, p. 175-8; 1959.
- STEFANOVIC, V. et al. Ultrasound in enzymes. **Experientia.**, v. 14, p.486-487, 1960.
- TAYLOR, K.J.W., POND, J.D. Experimental ultrasonic injury and safety limits in its use. **Acta radiol. Diag.**, v. 13, p.743, 1972.
- VAGUE, J. The degree of masculine differentiation of obesities. A factor determining predisposition to diabetes atherosclerosis, gout and uric calculoze disease. **Am J Clin Netr**, v. 167, n. 4, p. 20-34, 1956.
- ZANLUCHI, N. Foto envelhecimento facial com estradiol e tretinoída. **Revista da SBME**, v. 86, n. 17, p. 57-61, 2006.
- Zimerman, V. Alterações psíquicas na obesidade. **Revista Brasileira de Psicologia**, v. 67, n. 4, p. 38-42, 2001.

REFLEXÕES ACERCA DO CONCEITO DA INFÂNCIA: a influência da prensa tipográfica e da mídia eletrônica

Salete da Conceição Gonçalves Neiva¹

¹ Aluna do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Método de São Paulo –FAMESP.

Resumo

Este artigo nos traz algumas reflexões sobre o papel da prensa tipográfica e da mídia eletrônica na infância. Foi feito à partir da leitura do livro de Neil Postman, que contém citações de outras leituras e comentários pessoais, com a finalidade de comparar a infância desde o seu surgimento até os dias atuais, quando notamos o seu desaparecimento e uma visão sobre a infância brasileira.

Palavras-chave: Infância. Prensa tipográfica. Mídia eletrônica.

Ser ou não ser criança?

Falar dos conceitos de infância e juventude nos remete à idéia de novidade e de fato a noção de infância como grupo social é relativamente nova, se comparado à história humana. Claro que crianças sempre existiram, mas a idéia da infância como grupo social e portador de condições psicológicas específicas é nova.

O escritor Neil Postman (2002, p.21), relata que “ela é uma das grandes invenções da Renascença, talvez a mais humanitária. Surgiu por volta do séc. XVI e chegou refinada e fortalecida aos nossos dias”, mas como segmento social e condição psicológica de uma faixa etária, está se deteriorando rapidamente.

A idéia da infância não envelhecerá, está morrendo!

Os meios de comunicação e as novas tecnologias afetam o processo de socialização: a prensa tipográfica criou a infância e a mídia eletrônica está fazendo-a desaparecer.

Segundo Neil Postman (2002):

[...] ter que ficar parado à espera enquanto o charme, a maleabilidade, a inocência e a curiosidade das crianças se degradam e depois se transfiguram nos traços medíocres de pseudo-adultos é doloroso, desconcertante e sobre tudo triste” (p.13).

Afinal, o que é a infância? Até que ponto ela pode ser considerada uma fase inocente de pureza e crescimento? Notamos que foi apenas uma moda durante algum tempo e não tem mais razão de ser.

Segundo La Taille (1990), a criança era considerada na Idade Média, até o século XVII, como “um adulto em miniatura”.

As pinturas do séc. II, por exemplo, retratavam o corpo das crianças com as mesmas proporções do corpo do adulto. A infância tinha uma curta duração. A criança era amamentada até os seis, sete anos e, depois disso já começava a frequentar os mesmos ambientes dos adultos, como festas e até mesmo orgias. Ela era considerada diferente do adulto apenas porque sabia menos coisas que ele, e não como um ser que pensa e vê o mundo de uma maneira singular.

Sobre atitudes para com as crianças na antiguidade, sabemos muito pouco. Os gregos, por exemplo, prestavam pouca atenção na infância como categoria etária especial.

Das remanescentes esculturas gregas, nenhuma é da criança; embora aparentemente confusos e desligados acerca da natureza da infância, os gregos eram apaixonados pela educação.

Contudo, a preocupação grega com a escola não deve ser entendida como se a sua concepção de infância fosse equivalente à nossa.

Os romanos tomaram emprestado dos gregos, a idéia de escolarização e ainda desenvolveram uma compreensão de infância que superou a noção grega. A arte romana por exemplo, revela uma extraordinária atenção às crianças pequenas e em crescimento, que só seria encontrada novamente na arte ocidental, no período da Renascença. Além disso, os romanos começaram a estabelecer uma conexão entre as crianças em crescimento e a noção bem definida de vergonha, que sem esta noção, acreditamos que a infância não poderia existir.

A visão moderna define a infância como uma fase em que é necessário a criança ser protegida dos segredos dos adultos, principalmente os sexuais, por isso sem a noção definida de vergonha, não poderia existir infância.

Durante a Idade Média, podemos destacar quatro pontos principais que são importantes para estudarmos a história da infância que são:

A capacidade de ler e escrever desaparece;

Desaparece a educação;

Desaparece a vergonha:

Como consequência das três, desaparece a infância.

Segundo Postman, o que podemos dizer com certeza é:

[...] que no mundo medieval não havia nenhuma concepção de pré-requisitos de aprendizagem sequencial, nenhuma concepção de pré-requisitos de aprendizagem como preparação para o mundo adulto” (2002, p.39).

Quanto ao conceito de vergonha, pelo menos como a entendemos na modernidade, não existia.

Outra observação de Postman, nos alerta sobre a seguinte questão:

[...] é que não só a natureza da vida, a falta de higiene, ausência do conceito de espaço privativo, os adultos não relutavam em discutir assuntos sexuais na presença de crianças e a idéia de privacidade, esconder os impulsos sexuais, tudo isso era estranho aos adultos e a idéia de proteger as crianças dos segredos sexuais era desconhecida. Tudo era permitido na presença delas: linguagem vulgar, situações e cenas escabrosas; elas já tinham, visto e ouvido tudo (2002 p.31).

As condições devida em todos os setores eram precárias e não havia noções de pediatria, controle da natalidade, e o número de mortes de crianças era amplo, então as pessoas tinham muitos filhos e poucos se salvavam. Os pais por causa disso, não se apegavam muito à prole, para não sofrer com os frequentes óbitos.

Há ainda outro fator a esse respeito: segundo Postman relata, “na época de Aristóteles, não havia restrições morais ou legais à prática do infanticídio. Nem ele, Aristóteles levantou objeções firmes à ela. A primeira lei conhecida proibindo o infanticídio foi no ano 374 da era cristã”.

Postman também destaca o comentário de Lloyd de Mause de que uma centena de gerações de mães viu impassível seus bebês e crianças serem submetidas a todo tipo de sofrimento, porque elas não possuíam o mecanismo psíquico necessário para ter empatia com “crianças”.

Quanto às artes, as pinturas retratavam as crianças como adulto em miniatura, pois se vestiam como tal. No mundo medieval, a criança como concebemos hoje é invisível.

Antes do séc.XVI, não havia livros sobre pediatria, criação de filhos, nenhuma literatura infantil. Isso só passou a existir depois de prensa tipográfica, menos de um século depois.

A falta de alfabetização, a falta de educação formal, a falta do conceito de vergonha, estas são as razões pelas quais a falta do conceito de infância não existiu no mundo medieval, mas não trataremos mais de investigar as relações sociais daquela sociedade e tão pouco analisá-la com os nossos valores. Não queremos cometer anacronismos.

Desta forma nasceram juntas: a prensa tipográfica, o novo adulto e a infância.

Explico: com o aparecimento da prensa tipográfica o homem letrado -novo adulto- foi criado, e ao chegar, deixou para trás as crianças e a idade adulta foi descoberta. Restava, um idade para as crianças, nascia então a infância.

Os para entrar no da prensa tipográfica precisavam aprender a ler e escrever e para isso precisavam de educação. “Portanto, a civilização europeia reinventou as escolas. E, ao fazê-lo transformou a infância numa necessidade”. (POATMAN, 2002, p.50).

A prensa tipográfica gerou o que chamamos hoje explosão de conhecimentos que exigia que o indivíduo adulto fosse além do costume e da memória e penetrasse em mundos não conhecidos nem contemplados antes. A prensa tipográfica nos deu nossos “eus” como indivíduos únicos para pensar e falar deles. E esse senso do eu foi a semente do florescimento da infância.

Esclarecemos também que este processo não foi simples, ou ainda temos que evitar a idéia de algo surgido “da noite para o dia” e sim resultados de todo um percurso histórico. Mas, afinal o que é a infância?

Nas palavras de Kostiuik e Huria (1977): “o desenvolvimento da personalidade da criança depende da educação, que cria as condições para que o desenvolvimento se realize” (p.67).

Seguindo ainda estes autores, “a própria educação depende do desenvolvimento da criança, de sua idade e suas características individuais”, e não pode haver desenvolvimento da personalidade sem que estejam presentes as exigências da sociedade que serão atendidas quando as crianças capacidades para as satisfazer no decurso do desenvolvimento da infância.

A criança deve ser cuidada, respeitada e não manipulada, iludida, ultrajada, ou ainda, não deve ser utilizada como meio de divulgação de objetos a serem consumidos pela sociedade.

Vejamos como a mídia eletrônica, produto do capitalismo, tem contribuído para acabar com a idéia mais sublime que temos da infância; o direito de ser e se sentir criança, um ser em crescimento.

A infância não pode estar restrita apenas a uma fase biológica, mas sim a um tempo social, construído pelas condições sócio-culturais de cada sociedade. Assim parece haver inúmeras formas de ser criança: depende do país de origem, classe social, seu gênero e etnia.

Estranhamente, ao contrário do que deveria ser, recentes pesquisas mostram que casais mais abastados optam pela redução do número de filhos: querem muito pouco ou nenhum filho, e inversamente pessoas de pouca ou nenhuma renda, tem mais filhos. No primeiro caso, parece ser em função da vida tão conturbada, tão insegura, tão cheia de propósitos de auto-afirmação, de escolha profissional, de não ter na vida da mulher moderna e abastada, a possibilidade da maternidade. E nas classes populares a maternidade ainda é um sinônimo de realização e plenitude, até uma certa “restabilidade”.

Outra maneira de acabar com a infância: meninas de 9 a 15 anos sendo mães; crianças colocando outras crianças no mundo! Deixam assim de brincar com bonecas de brinquedo para cuidar com bonecas de carne e osso. Já nas camadas sociais mais abastadas, ocorre o desaparecimento da infância de outras formas, como nos elucida Postman acerca de uma realidade nos Estados Unidos:

[...] no momento em que escrevo, garotas de doze e treze anos estão entre as mais bem pagas nos Estados Unidos. São apresentadas nos anúncios ao público como se fossem mulheres adultas, espertas e sexualmente atraentes, completamente à vontade, num ambiente de erotismo” (2002, p. 17).

Entre 1950 e 1970, segundo Postman (2002), “o índice de crimes graves cometidos pelos menores de 15 anos aumentou cento e dez vezes, ou onze mil por cento” (p.17). Os mais velhos, ainda segundo Postman, talvez se perguntem o que acontece com a “delinquência juvenil e sintam saudades da época em que um

adolescente que matava aula para fumar um cigarro no banheiro da escola era considerado “um problema” (p.17).

Talvez sintam saudades também na maneira de se vestir: havia uma grande diferença entre roupas de crianças e de adultos. “Na última década a indústria de roupas infantis sofreu mudanças tão aceleradas que, para todos os fins práticos, as “roupas infantis” desapareceram (POSTMAN, 2002, p.17).

E os brinquedos infantis? Não são feitos para brincar, educar e sim para influenciar e para alguns grupos de adultos ganharem muito dinheiro. Os brinquedos atualmente estão geralmente adaptados às novas tecnologias e se mostram em alguns casos dentro dos gostos dos adultos.

A infância está desaparecendo sem que possamos fazer nada, e ao constatar que a falta de conceitos como educação, vergonha, qualidade de vida, divulgação da escrita, contribuem para que a infância não tivesse sido percebida, criada na Idade Média antes da prensa tipográfica e agora, com tantas novidades tecnológicas não estamos conseguindo conservá-la. Ela continua sendo desrespeitada.

Ter direito à infância virou status social e financeiro, principalmente no Brasil, que em alguns momentos canaliza mais atenção aos pinguins da Patagônia do que às “nossas foquinhas” malabaristas dos semáforos.

O sobrevivente do massacre da Candelária ocorrido em 1993, no Rio de Janeiro acabou virando inspiração para o personagem de um recente filme brasileiro, intitulado “Ônibus 174”, por protagonizar o episódio que gerou esta produção cinematográfica, assim como “Pixote” e “Cidade de Deus”.

É assim que é exposta lá fora a infância brasileira.

Considerações

O sistema educacional e a sociedade civil deveriam propor cursos nos quais deveríamos fazer um em especial: sobre a educação de crianças e como trata-las.

Deveríamos aprender com a educação da cultura indígena, pois eles respeitam a infância. Será que esse desrespeito à infância, ao ser humano, também é algo que nós, os chamados “civilizados” aprendemos com as culturas dos que colonizaram o nosso país? Por que nós não aprendemos com quem já estava aqui,

os primeiros habitantes do Brasil, e assimilamos a concepção que eles possuem sobre como tratar suas crianças, seu respeito e valorização a elas.

Nós, que somos chamados civilizados, deveríamos repensar nossas práticas em relação ao tratamento dado à infância em nosso país.

Deveríamos ter mais “curumins”, e menos “pixotes”.

Afinal, se a infância acabar, como vai ser o homem do futuro? Dá para ter esperança na preservação da espécie humana sem cuidarmos das crianças de agora, nossas sementinhas?

Referências

FERREIRA, M. C. Estudos Bibliográficos: Algumas abordagens sobre os diversos papéis juvenis na atualidade. **Revista da Faculdade de Educação – UNEMAT**, Ed. UNEMAT, p. 71-79, 2008.

HERZERM, S. M. **Uma queda para o Alto**: Autobiografia de uma interna da Febem. 2 ed. São Paulo: Vozes, 2007.

POSTMAN, N. O. **O desaparecimento da Infância**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 2002.

A IDENTIDADE ESCOLAR E A PROPOSTA PEDAGÓGICA

Beatriz Muzi¹, Itamara Mattos¹, William Alves Atemires¹

¹ Alunos do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Método de São Paulo –FAMESP.

Resumo

Este artigo apresenta breve discussão sobre a relação entre a Proposta Pedagógica da escola e a construção de forma autônoma de sua identidade enquanto espaço genuíno de convivência humana. A intenção é promover a reflexão sobre os caminhos da construção desta identidade, como também sobre a responsabilidade direta de todos os participantes deste cenário educativo.

Palavras-chave: Autonomia. Proposta Pedagógica. Identidade escolar. Trabalho educativo.

Introdução

A Lei de Diretrizes e Bases - LDB N^o. 9.394/96 é um marco em relação à flexibilidade e desburocratização dos sistemas educativos, aparecem vinculados no texto legal à autonomia da escola e a sua proposta pedagógica.

A autonomia da escola e a construção de sua identidade estão diretamente ligadas.

Esta autonomia escolar só tem o porque existir se estiver intimamente ligada às questões pedagógicas e puder refletir numa crescente melhora da qualidade de ensino oferecido, como também, das relações da comunidade escolar.

Quando a escola não conhece sua própria realidade, ela fica despojada de responsabilidade direta sobre o trabalho educativo que realiza e, portanto, traz como seus paradigmas alheios a sua identidade.

O fato de que cada escola, no exercício de sua autonomia, elabore seu próprio projeto incentiva o reconhecimento da escola como organismo vivo possuidor de necessidades, ideais e caminhos próprios.

É neste exercício de reflexão sobre as questões que pautam as discussões que envolvem a construção da Proposta Pedagógica e, até suas necessárias reformulações, que a equipe escolar se aproxima do tão sonhado sentimento de

pertencimento em relação à escola e também se torna responsável pelo sucesso dos caminhos apontados.

Considerações

Em uma sociedade violenta, fatalmente, as relações escolares estarão contaminadas, se “algumas catástrofes sociais são inevitáveis” (POSTMAN, 2002, p.13) a escola necessita com urgência encontrar caminhos para tornar suas relações mais humanamente qualitativas e genuínas, neste sentido a construção coletiva de uma Proposta Pedagógica se torna um dos caminhos.

Referências

- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases**. Brasília: MEC, 1996.
- POSTMAN, Nell. **O desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 2002.

EU VI NA PRÁTICA

PRECONCEITO LINGÜÍSTICO: como é, e como se faz

Gisele dos Santos Vieira

O autor Marcos Bagno em sua obra levanta questões relacionadas com o preconceito lingüístico presente na sociedade brasileira de forma marcante. Uma questão importante levantada pelo autor em sua obra é a confusão das pessoas entre Língua, um termo mais abrangente, e gramática normativa que é uma ramificação da língua auxiliadora da norma culta; esse tipo de confusão divulgada pela mídia gera discriminação e exclusão.

A permanência do preconceito lingüístico tem seu principal propagador na mídia e em certos mitos presentes na vida e na fala dos brasileiros. Essa mitologia é composta por oito principais mitos sendo eles:

“A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente” esse mito consiste em que o brasileiro mesmo descendendo de povos diferentes fala uma mesma língua (independente da diversidade e variabilidade) sendo essa proveniente da norma culta literária falada pelas classes dominantes. As pessoas que não falam português dentro do padrão da norma culta são excluídas da sociedade como não participantes dela, sendo marginalizados por essa linguagem não padrão. Pelo fato da língua materna ser comum a todos os brasileiros muitos têm uma visão de união do povo, mas na verdade o que há é muito preconceito com as classes desprivilegiadas de renda.

“Brasileiro não sabe português/Só em Portugal se fala bem português” resultado de uma miscigenação, o povo brasileiro não consegue falar o português legítimo de acordo como os paradigmas Portugueses. O preconceito é gerado pois, o país colonizador é europeu e seus habitantes são brancos; já o Brasil possui habitantes descendentes de negros e indígenas, e essa condição faz com que o Brasil não consiga atingir a qualidade do padrão de linguagem de Portugal, justamente por esses povos serem inferiores aos brancos. A língua falada em Portugal é diferente da brasileira, a única semelhança entre essas duas línguas é a gramática, pois os brasileiros sabem falar o seu português.

“Português é muito difícil” esse mito é muito parecido com o mito acima. Devido ao ensino da língua ter base na gramática de Portugal, esse nas escolas não corresponde com a língua falada no Brasil. A gramática normativa nesse caso não leva em consideração o português falado pelos brasileiros, assim os gramáticos tradicionalistas ajudam na

proliferação desse mito por meio da mídia e em nome do consumismo, refletindo assim no ensino das escolas.

“As pessoas sem instrução falam tudo errado” visto pela ótica da gramática normativa, o que não estiver de acordo com ela está errado e não é português. O preconceito embutido aí é em relação às classes desfavorecidas, pois por não terem acesso a educação escolar e a cultura não obedecem às normas gramaticais. O preconceito lingüístico na verdade nasce também de um preconceito social em relação às condições financeiras e regionais.

“O lugar onde melhor se fala português no Brasil e no Maranhão” esse mito tem base em que, no Maranhão há uma conservação de um aspecto único de da linguagem clássica literária que mantém relações com a língua falada em Portugal, pois lá se usa o pronome tu seguido das formas verbais clássicas, mas após uma reorganização do sistema pronominal, se substituiu o tu por você. A valorização desse mito desrespeita a variedade que a língua sofre, atribuindo a algumas regiões a variedade do português brasileiro.

“O certo é falar assim porque se escreve assim” existe no Brasil diversas formas de falar o português de acordo com cada região. essa variedade da representação da palavra ou da língua escrita não deve ter relação com o modo que se fala. O maior propagador desse mito é o ensino tradicional, que ensina a pronuncia da palavra de acordo com a forma escrita, supervalorizando a escrita e desvalorizando a variedade da língua falada.

“O domínio da normal culta é instrumento de ascensão social” a norma culta de nada adianta a uma pessoa que não tenha direitos, instrução, ou boas condições financeiras.

O circulo vicioso do preconceito lingüístico é composto por três elementos. São eles: a gramática tradicional; os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos. Ele se forma por meio da gramática tradicional, que inspira as práticas de ensino, que acaba provocando a indústria do livro didático, que acaba recorrendo à gramática para orientá-lo.

Mesmo com a mudança na elaboração do livro e na pedagogia oficial, o circulo vicioso do preconceito lingüístico ainda de mantém intacto, porque ainda existe um quarto elemento que compõe esse circulo, de acordo com o autor chamado de comandos paragramaticais, que são aqueles divulgados como orientadores do português brasileiro e tidos como modelos do padrão culto da língua, e aparece recheado de preconceito lingüístico, social e regional.

No decorrer da obra se pode encontrar os ataques desses comandos paragramaticais aos não falantes da língua padrão e aos falantes também. Justamente por esses serem orientados por uma gramática conservadora da linguagem do país colonizador e sua respectiva linguagem literária, por meio da mídia e em nome do comércio, esses

comendo propagam o preconceito lingüístico de forma disfarçada e muitas vezes escancarada. Além disso, ao criticar preconceituosamente a língua falada, existe em ataque severo aos estudos feitos pela lingüística, alegando que esses estudos são formas de justificar a deterioração que a língua está sofrendo por parte dos brasileiros falante do português, claro de um português que eles consideram como correto e irrepreensível, na tentativa de uma unificação da língua portuguesa falada no Brasil. Lembrando que os autores desses comandos são pessoas consagradas por muitos e usadas como exemplos de domínio da norma culta, sendo essa norma culta propagada por eles uma norma culta não falada pelos brasileiros (os que tem acesso a essa norma culta), mas sim com a norma literária portuguesa (Lusitana) de acordo com os moldes gramaticais e a pronúncia de Portugal.

Para iniciar uma desconstrução do preconceito lingüístico, é necessário que se reconheça essa crise que afeta o ensino da língua portuguesa, onde se ensina a norma culta (escrita e literária) nas escolas como verdade absoluta, e ela não tem nada a ver com a linguagem falada pela maioria da população brasileira, (vítima da desigualdade social e da má distribuição de renda), isso acarreta um bloqueio na livre expressão do aluno e o não incentivo das habilidades lingüísticas, além do fato de que primeiro se corrige antes de se entender o que o aluno quis dizer com o seu texto, acaba gerando um sentimento de incompetência e incapacidade, desestimulando o hábito da leitura, pois o ensino assume um caráter punitivo, e também os comandos paragramaticais e a gramática explicam o português de forma complicada, tornando a compreensão da língua muito mais complicada, o que para os falantes da língua materna não deveria ser uma situação de incompreensível acesso e uso.

Além do reconhecimento da crise, também se deve atentar para uma mudança de atitude em relação aos argumentos preconceituosos relacionados com as formas individuais ou regionais do saber lingüístico. Outro fator é que devemos nos assumir como falantes convictos da língua materna; analisar criticamente os comandos paragramaticais, e usando somente as informações relevantes que eles possam conter, sem levar em consideração a visão preconceituosa que esses carregam.

O ensino por parte do professor deve assumir uma característica de não se basear na imposição do uso único da norma culta como modelo para a língua em geral. Dessa forma o professor deve estudar, pesquisar, mudar a sua visão em relação ao ensino, pois o ensino do português não deve se prender dinamicamente ao ensino puro da gramática justamente pela vivacidade da língua, mas também observar e refletir de que forma o aluno pode melhorar e apropriar-se da língua e ser um bom usuário dela.

A noção de erro também vale para a desconstrução desse círculo vicioso, pois se deve reavaliar a noção de erro imposta pela gramática oficial, desmanchando assim a confusão entre língua escrita, que é orientada pela ortografia. Outro fator importante no ensino da língua portuguesa, é que o aluno saiba adequar à diferença entre a forma que se escreve (linguagem formal) e a que se fala (linguagem coloquial) e como e onde usar cada uma delas.

Os professores agarrados a uma paranóia ortográfica onde somente se vê os erros de ortografia ou a coerência, acaba deixando de lado a verdadeira intenção e a idéia que o aluno desenvolvera. A arte de compreender o contexto da produção do aluno, na tentativa de se libertar da paranóia ortográfica, devem fazer parte da prática do professor, pois isso ajuda nessa desconstrução do círculo vicioso. Mais um auxiliador nessa desconstrução são alguns atos subversivos como a posição do professor como pesquisador e formador do seu saber lingüístico, para acabar com a ação repetidora e reprodutora da gramática; fazer uma crítica ativa da prática em sala de aula, principalmente no ensino da língua como um todo e não enfatizando a gramática somente; mostrar aos que estão ao nosso redor que a ciência da linguagem evoluiu como todas as outras ciências; assumir uma postura nova na tentativa de romper os laços que os unem a gramática.

A gramática tradicional mesmo com o passar dos anos, conseguiu conservar-se bastante intacta, passando assim a tornar-se uma doutrina a ser seguida, apresentando sempre uma resposta correta para as dúvidas, e elevada como modelo por alguns especialistas, que ignoram o estudo e os avanços da lingüística de forma a gerar um preconceito disfarçado, uma exclusão social, propagando que os lingüistas defendem o não ensino das formas padrão da gramática. Alguns defensores do “português padrão” dão manifestações claras de seu preconceito contra os estudos da ciência da língua pela mídia. Esses gramáticos conservadores, com suas formas de induzir preconceitos ao povo e conseguem assim abafar a voz dos lingüistas.

De forma clara e objetiva, Marcos Bagno consegue expor lindamente o preconceito lingüístico que é fortemente ligado ao preconceito social, à desvalorização do povo brasileiro como país independente, a propagação desses elementos pela mídia (grande veículo de controle social), e as práticas de ensino da língua portuguesa nas escolas, que visam obedecer cegamente à gramática normativa (ligada aos aspectos literários), desvalorizando e incentivando a não comunicação e expressão dos alunos em um plano escrito.

Os brasileiros como falantes da língua portuguesa não deveriam permitir que por meio da mídia e de algumas pessoas de maior poder aquisitivo, o ser humano pudesse ser tão desvalorizado em sua principal condição: a de ser HUMANO! social e político.

Infelizmente, ainda falta aos brasileiros entender sua variedade lingüística; como professores, mudar sua prática de ensino visando atender e entender os fenômenos lingüísticos de modo que propicie o respeito à diversidade regional lingüística; e avaliando de forma crítica os ataques da classe dominante do saber gramatical, rebatendo e combatendo assim esse preconceito lingüístico.

Gisele dos Santos Vieira

Aluna do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Método de São Paulo – FAMESP

DIREÇÃO GERAL

Lígia Lacrimanti

José Natal Alves

DIREÇÃO ACADÊMICA

Thais Pratt

REVISÃO

Patrícia Rodrigues

Persio Nakamoto

COMISSÃO ORGANIZADORA

Patrícia Rodrigues

Persio Nakamoto

CAPA

Bruna Passos